

## ***A procura microscópica por Deus. A kashrut: um indicador delicioso para a análise do crescimento exponencial da ortopraxis no judaísmo ortodoxo contemporâneo***

Marta F. Topel  
Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes (USP)

### **Introdução**

Quando cheguei a Israel em 2015 para fazer o trabalho de campo da minha pesquisa sobre a *kashrut*<sup>1</sup>, colhendo dados que me permitiriam testar a hipótese da existência de um componente obsessivo na *Halachá* ou Lei judaica, minha leitura sobre a *kashrut* era vasta. Além disso, por ter trabalhado com a população ortodoxa no Brasil e em Israel durante mais de dez anos, meu conhecimento do universo ortodoxo é mais do que razoável. Por isso, apesar de ser consciente de que me esperavam surpresas -como acontece em qualquer trabalho de campo- não imaginei o que, na realidade, estava me aguardando. Sabia que o número de preceitos e costumes que seguem os judeus ortodoxos, tanto na área da vida social quanto privada, tem aumentado consideravelmente nas últimas décadas, mas não sabia, ou não conseguia acreditar, quantos são os preceitos e costumes que regem a cultura de comensalidade dos ortodoxos, nem quantos problemas suscitaram, para quem deseja manter uma dieta *kasher*, as novas formas de arranjos sociais, como o processo de globalização, o desenvolvimento de tecnologia de ponta na produção de alimentos e questões suscitadas pelo processamento de determinadas comidas. Não sabia mesmo! Tampouco estava ciente das problemáticas decorrentes da proibição de comer frutos produzidos na Terra de Israel no Ano Sabático da Terra. Quando cheguei ao país em 2015, no calendário judaico se celebrava o Ano Sabático da Terra.

As primeiras entrevistas que tive com mulheres ortodoxas e com supervisores de *kashrut* foram a descoberta de um mundo cruzado por milhares de preceitos, costumes, subterfúgios; peritos nos assuntos mais bizarros; livros, manuais e apostilas; cartazes nas ruas para alertar a população ortodoxa sobre uma nova ameaça, além de complexas estratégias para seguir à risca as exigências de uma dieta *kasher*. Algumas dessas estratégias são tradicionais, outras, incrivelmente inovadoras. Foi aos poucos entendi que nas comunidades ortodoxas existe uma mobilização constante de recursos materiais e humanos, de conhecimento científico e de tradição, para colocar em prática a *kashrut* na contemporaneidade, com o objetivo de não transgredir nenhum preceito, nenhum detalhe e nenhum costume.

A entrevista com o rabino Vaie, o Legislador da Nossa Geração sobre insetos, foi uma entrada privilegiada a uma visão de mundo que, embora aos olhos de um estranho pareça um universo de pessoas obsessivas que encarnam uma corrente religiosa também obsessiva, aos olhos dos nativos não é mais do que a forma mais verdadeira de serem judeus, bons judeus.

---

<sup>1</sup> - Do hebraico: qualidade de um alimento idôneo para o consumo dos judeus ortodoxos.

Bons judeus significa respeitar à risca os preceitos da *Halachá* o Lei Judaica. Obviamente esses bons judeus têm prioridades diferentes aos judeus não tão bons e aos não-judeus.

Numa versão resumida em português da monumental trilogia do rabino Vaie sobre os insetos, intitulada *A verificação dos alimentos segundo a Torá*, na página 67 do capítulo 4 “A lista dos alimentos e sua verificação”, lemos as seguintes instruções em relação à alface romana, uma verdura que, da perspectiva ortodoxa, é considerada especialmente “problemática”:

1. Não utilizar as primeiras folhas.
  2. Se parar as folhas e deixar alguns minutos em água com detergente.
  3. Passar uma esponja umedecida em água com detergente, delicadamente, em todas suas partes e reentrâncias dos dois lados.
  4. Lavar bem as folhas em baixo de água corrente (observar se a água está atingindo todas as reentrâncias).
  5. Verificar as folhas contra a luz observando se permaneceram pulgões de cor verde sobre a mesma e retirar as partes que apresentam túneis de cor amarelada.
- [Em negrito]: **Alfaces hidropônicas são tão afetadas quanto as comuns.**
- [Em negrito]: **Obs. 1:** No Brasil pode-se encontrar uma **alface embalada em saco plástico fechado a vácuo**, que é mais limpa que a alface comum, pois passa por uma pré-lavagem. O processo de verificação é o mesmo, porém, certamente encontraremos menos vermes e insetos que na alface comum. Prestar bastante atenção se há moscas brancas e túneis de cor amarelada.
- [Em negrito]: **Obs. 2: Em Israel e agora também no Brasil pode-se encontrar alface de cultivo especial**, que não apresenta vermes e insetos. Neste caso, devemos apenas separar as folhas, deixa-las alguns minutos de molho em água com detergente e em seguida lavá-las bem. (Vaie, 2011:67).

Em relação à necessidade de verificar os alimentos com o máximo rigor para descartar a existência de insetos, o rabino Vaie me explicou:

*Nossa época é muito mais problemática. Por quê? Nos tempos passados os judeus estavam na diáspora, mas cada grupo estava no mesmo lugar centenas de anos ou também milhares de anos. Os iemenitas, por exemplo, estavam lá dois mil anos. Na Europa, na Polônia, estavam oitocentos, novecentos anos. No Marrocos, quatrocentos, quinhentos anos no mesmo lugar. Então, mesmo que estavam na diáspora, estavam centenas de anos no mesmo lugar. E os alimentos eram fixos, tinha uma tradição de alimentos e também tinha uma tradição do que era necessário verificar. Não tinha muitos alimentos! Hoje em dia temos em todos os países alimentos de todo o mundo. Não existe alimento que não se traz de um país para outros. Hoje em dia não temos tradição e temos muitos alimentos novos, não só novos, mas todos os alimentos em todos os países e junto com a importação e exportação de alimentos se importam e exportam os bichos. E esse é o problema: existe uma transmissão biológica.*

Segundo a exegese judaica, a proibição de ingerir insetos encontra sua justificativa no Levítico( 11:20).

Umás semanas depois, quando terminei a entrevista a o rabino Bergman, supervisor de *kashrut* da *Edá Charedit* (corrente ultra-ortodoxa), o rabino me mostrou uma sala do prédio no qual trabalhavam com fruição vários supervisores de *kashrut* e seus ajudantes, trabalho este redobrado já que em junho de 2015, quando transcorreu a entrevista, segundo o calendário judaico se celebrava o Ano Sabático da terra. Confesso que fiquei pasma com o que vi, de modo similar a como reagiram meus amigos israelenses laicos quando lhes contei a minha experiência. Em uma sala relativamente espaçosa, sentados em mesas com computadores sofisticados, havia três jovens ultra-ortodoxos que seguiam com atenção as imagens de seis telas enormes de TV colocadas na parede frente a eles. Nas imagens se via agricultores coletando verduras e frutas. O rabino me explicou que esses jovens seguiam os passos dos produtores árabes de diferentes regiões de Autonomia palestina, para ter a certeza que os frutos colhidos por eles não se encontram no que os ultra-ortodoxos consideram a Terra de Israel bíblica. Ao lado de cada tela havia um GPS que permitia identificar com precisão em que lugar estavam fazendo seu trabalho os provedores de frutas, verduras, hortaliças e legumes das comunidades ultra-ortodoxas israelenses. O rabino Bergman também me mostrou o kit completo do Ano Sabático da Terra, no qual pude ver o colete que usavam os produtores árabes, colete conectado aos GPS cujo objetivo era transmitir os dados da localização de seus portadores aos computadores do prédio em Jerusalém no qual me encontrei com o rabino Bergman. Diante da minha admiração e perplexidade, com orgulho, o rabino me explicou que esse trabalho é feito 24 h por dia ao longo de todo o Ano Sabático da Terra, permitindo ao público ortodoxo ingerir frutas, legumes, hortaliças e verduras sem transgredir um dos preceitos da *kashrut* para os judeus que moram em Israel. Antes de ir embora, o rabino me presenteou com um livro de 230 páginas, intitulado *Guia da kashrut para o ano sabático*.

No Pentateuco, Levítico (25:1-7), está escrito que a cada sete anos a terra deve descansar por um ano inteiro. Durante este ano nada deve ser plantado. Depois de sete ciclos de sete anos, o quinquagésimo ano é chamado Ano do Jubileu. Nessa data, todos os escravos devem libertados e as dívidas, anuladas.

Os tempos mudaram e hoje não se libertam escravos. O objetivo da *Halachá* tem se concentrado em regradar o cotidiano dos judeus observantes por meio de uma meticulosidade tão sofisticada que, ao pouco tempo de ter começado o trabalho de campo, entendi que não há um limite para o acréscimo de regras e costumes aos preceitos já existentes. No que diz respeito à *kashrut*, não comer carne e laticínios numa mesma refeição não é suficiente: existem regras precisas do tempo do intervalo necessário entre ambos tipos de alimentos, sendo que há diferenças das horas de intervalo exigidas antes de comer um produto com leite se primeiro se consumiu carne e vice-versa. Separar os alimentos com carne daqueles que contêm leite na geladeira tampouco é suficiente: é necessário ter um jogo de pratos, de panelas e de talheres para carnes e laticínios. Também é recomendado ter panos de mesa para carnes e laticínios e

para alimentos considerados (*parve*) neutros. O mesmo acontece com os armários da cozinha. As duas pias que caracterizaram durante longas décadas a cozinha judaica pareceriam não ser suficiente nos dias de hoje, e mais de uma entrevistada me mostrou uma tábua de mármore entre as duas pias para evitar o risco de que alguma gota ou pequena porção de um dos tipos de alimento salpique o outro lado da pia. Em relação à tábua de mármore que separa as duas pias na sua cozinha, uma mulher ortodoxa me contou sorridente que foi o presente de bodas de prata da sogra.

### **A ortodoxia contemporânea israelense e a expansão da Lei Judaica**

Nos últimos quarenta anos, a ortodoxia judaica, definida como a religião ortoprática por excelência (Bell 1997), isto é, uma religião baseada no ritual, tem aumentado significativamente o escopo e o número de preceitos contidos na *Halachá* ou Lei Judaica. Livros, apostilas, artigos, sites na internet e vídeos explicativos foram criados para ajudar os judeus observantes a seguir à risca a *Halachá*. Às centenas de preceitos (613) foram acrescentados nas últimas décadas inúmeras regras e detalhes para a sua consumação, detalhes que é preciso destacar, têm o valor dos próprios preceitos. Consequentemente, quem transgrede um detalhe na realização de um ritual está transgredindo a própria Lei Judaica.

O incremento das *mitzvot* que hoje alcançou um nível sem precedentes é resultado de um processo histórico iniciado na Europa, mais precisamente, na Hungria do século XIX, e posteriormente cristalizado em Israel. De modo paradoxal, da perspectiva de seus arquitetos, esta mudança teve como objetivo dar continuidade ao judaísmo tradicional no momento em que a Emancipação dos judeus na Europa provocou uma “aluvião de hereges” nas comunidades judaicas. Convencidos de que não existia qualquer maneira de manter dentro do judaísmo rabínico os milhares de judeus que optaram pelo reformismo ou pela neo-ortodoxia, figuras como os rabinos Chatam Sofer e Akiva Yosef Schlesinger tomaram algumas decisões históricas que desembocaram na criação do que hoje se conhece como ultra-ortodoxia. Uma das preocupações das figuras mencionadas foi reafirmar a autoridade rabínica diante da autonomia individual em um mundo plétórico em incertezas e em constante mudança. Nesse afã, dois grandes passos foram dados. Primeiro, o isolamento das comunidades ortodoxas dos indivíduos e grupos que optaram por um judaísmo mais liberal. O segundo passo foi a transformação do modo judaico de legislar vigente durante séculos, escolhendo os códigos legais com regras claras como o *Shulchán Aruch*<sup>2</sup>, em lugar das deliberações talmúdicas polissêmicas com opiniões sempre em disputa. As incertezas que a Modernidade produziu no judaísmo levaram os

---

<sup>2</sup> - Livro de autoria de Yosef Karo cuja normativa é aceita por todas as correntes ortodoxas. À diferença do Talmud, o *Shulchán Aruch* é uma obra monossêmica.

rabinos da Hungria a eliminar qualquer manifestação de pluralismo no cumprimento dos preceitos. Simultaneamente, uma nova mudança foi criada por Chatam Sofer: a escolha pelo modo rígido no cumprimento dos preceitos ao partir da premissa que se todos os elementos da tradição são igualmente sagrados, não haveria nenhuma razão em distinguir entre seus diversos estratos, relativizando o valor de cada um deles. Schlesinger, por sua vez, fez uma afirmação que se tornaria uma das chaves na criação da ortodoxia moderna: “Toda regra que consta no *Shulchán Aruch* equivale aos Dez Mandamentos, e todo costume judaico é igual aos Dez Mandamentos”<sup>3</sup>. No seu anseio de levar adiante seu programa de evitar quaisquer interferências externas no judaísmo ou qualquer desvio, de modo paradoxal, os rabinos ultra-ortodoxos ignoraram a tradição secular judaica de ponderar, descartar ou reconciliar afirmações que estavam em desacordo nos textos canônicos. Como bem assinala Silber (1999: 61)<sup>4</sup>: se, de fato, há uma razão para designar o judaísmo ultra- ortodoxo como ‘fundamentalista’, é precisamente por causa de sua tendência a ignorar a ‘tradição’ destas tradições em favor de uma leitura literal [dos textos canônicos].

No caso israelense, esta questão se complica uma vez que não existe em Israel uma separação entre Estado e religião segundo a tradição liberal, o que leva à ingerência institucionalizada da religião na esfera pública. No caso que nos ocupa, a *kashrut*, o Rabinato é o órgão incumbido de supervisionar os alimentos ingeridos em espaços como instituições públicas, escolas, exército e, também, em espaços privados, como restaurantes, lanchonetes, quiosques, etc. para conferir que nesses locais se sigam as normas exigidas por uma dieta *kasher*. Entretanto, correntes ortodoxas e ultra-ortodoxas têm suas próprias instituições de verificação dos alimentos por acreditar que o Rabinato não é suficientemente estrito nessa área.

Do ponto de vista sócio-histórico, Liebman (1983) analisa o extremismo da ortodoxia judaica israelense nas últimas décadas tendo como base duas grandes dimensões: a expansão da *Halachá* e a relação da ortodoxia com o mundo exterior. Na primeira dimensão, o autor salienta três componentes: o escopo da Lei judaica, expresso no programa político de certas correntes ortodoxas; a elaboração de detalhes para a consumação dos preceitos, limitando a autoridade subjetiva, opcional e pessoal de sua interpretação; e a adoção do rigor na interpretação da Lei judaica *vis-à-vis* posições lenientes. A segunda dimensão do extremismo religioso se caracteriza pelo crescente isolamento dos grupos ortodoxos que se radicalizaram nas últimas décadas. Segundo Liebman (1983: 84), o extremismo da ortodoxia é resultado do declínio da influência de fatores sociais externos que, no passado, levaram à criação de correntes liberais dentro do judaísmo com a Emancipação e o processo de adaptação dos judeus na Europa à sociedade maior e, posteriormente, dos judeus de todas as regiões nas quais

---

<sup>3</sup> Cf. Silber (1999: 49).

<sup>4</sup> - Tradução do inglês da autora. No original: “If in fact there is a reason to designate ultra-Orthodox Judaism ‘fundamentalist’, it is precisely because of its tendency to ignore the ‘tradition’ of these traditions in favor of a literal reading”.

existiam comunidades judaicas estabelecidas. A Modernidade e o decorrente secularismo foram fundamentais no dismantelamento de grande parte da ortodoxia do século XIX e na criação de grupos sectários conhecidos como ultra-ortodoxos.

Ferziger (2008) esmiúça as estratégias através das quais o Grande Rabino Chatam Sofer, criador da ultra-ortodoxia judaica, mudou as formas de interpretação dos preceitos radicalizando-os. Os precedentes legais são deixados de lado e uma “meta-*Halachá*”, originada no anseio de respeitar os preceitos do modo mais rigoroso, se transformou na base interpretativa não só dos preceitos já existentes, mas na criação de novas regras e detalhes para consumá-las. Diante deste cenário, uma interrogação relevante é se existe algum limite na criação do “cerco da Torá”<sup>5</sup> ou novas regras e novos costumes continuarão sendo estabelecidos. No que diz respeito à *kashrut*, os dados do trabalho de campo e a bibliografia sobre o tema indicam que não existe nenhum limite para a manutenção do “cerco da Torá e que novas regras e costumes continuam sendo criados.

### **A *kashrut* e a ritualização do cotidiano: a impossibilidade de colocar um ponto final**

A vasta literatura sobre rituais produzida pela antropologia foca a atenção em rituais (tanto religiosos como seculares) realizados para marcar situações extraordinárias, como festas, rituais de passagem, doenças, preces coletivas para estimular os deuses a garantir determinada dádiva, entre outros. A célebre definição de Turner (1969) do ritual como conduta formal, carregada de simbolismo, prescrita para ocasiões distintas à rotina tecnológica e relacionada a crenças em seres ou poderes místicos é, de algum modo, a base a partir da qual grande parte dos antropólogos abordam os rituais das culturas que estudam. Desde Radcliffe-Brown (1986), a tradição antropológica vê nos rituais uma atividade eminentemente simbólica que deve ser explicada em função de seu significado. Leach (1996), por sua vez, embora veja um *continuum* e não uma dicotomia entre o sagrado e o profano, afirma que de tempos em tempos a sociedade deve lembrar-se da ordem que rege as suas atividades, utilizando para isso diferentes rituais com conteúdo simbólico. Para Geertz (1987), o ritual, como outros eventos de uma determinada comunidade, deve ler-se como um texto procurando seu significado no sistema cultural desse grupo. Um caso mais próximo a este trabalho é a abordagem de Mary Douglas em seu célebre *Pureza e Perigo*. Na sua análise das leis do Levítico, a antropóloga explica que a sujeira implica duas condições, um conjunto de relações ordenadas e a possibilidade de transgredir essa ordem. A sujeira nunca é um evento isolado: onde há sujeira, há um sistema classificatório que exige

---

<sup>5</sup> - Expressão traduzida do hebraico que indica a criação de novas regras e costumes para cercar a Torá, i.e., para ter a certeza de que as novas regras impedirão a violação dos 613 preceitos.

rejeitar certos elementos. Desse modo, a sujeira, inevitavelmente, nos leva à dimensão simbólica.

Não é o caso de me estender sobre a vasta bibliografia sobre rituais que formam parte da tradição antropológica, ainda assim, acredito importante salientar sua característica de ser uma ação imbuída de significado simbólico *vis-à-vis* as ações cotidianas caracterizadas pelo sua função instrumental. Consequentemente, a literatura sobre rituais que regem o cotidiano de indivíduos ou de uma comunidade é muito pobre.

Diante desse cenário, como analisar rituais que fazem parte da cotidianidade, além do mais, rituais que, apesar de serem religiosos, estabelecem regras em áreas da vida que, em um primeiro momento, pareceriam pertencer à dimensão do mundano e não do sagrado? Além do mais, esferas da vida que podem ser definidas como eminentemente técnicas? Levando em conta estas considerações, a *kashrut*, decididamente, constitui um desafio para a antropologia. Entretanto, se nos livros e materiais com inúmeras regras sobre como respeitar uma dieta *kasher*, a minúcia dos detalhes lembra um manual técnico com instruções objetivas, nas introduções desses livros, Grandes Rabinos explicam a importância da *kashrut* na religião judaica, recorrendo, até, a obras cabalísticas para mostrar o grau de espiritualidade que se esconde atrás de, por exemplo, saber o peso mínimo exigido para que se faça a bênção do pão de uma massa para um bolo que será assada e não cozida ou frita, tendo em consideração miligramas e a possibilidade de que depois de pesada a massa, parte dela tenha ficado na vasilha na qual foi preparada ou nas mãos da cozinheira. Porque se as instruções precisas não forem seguidas, a bênção é considerada nula, isto é, transgrede os preceitos da Lei judaica. Conhecer os diferentes modos de purificar uma faca usada para produtos com carne e produtos com leite também faz parte das leis alimentares judaicas, bem como a necessidade de peneirar os diferentes tipos de farinha com peneiras especiais para cada uma delas. Isto é consequência de que, segundo a tradição judaica, “a *Halachá* guia a vida dos judeus desde que nascem até que morrem, desde que acordam até que vão dormir”. E nesse tempo, que é a própria vida do indivíduo, o judeu ortodoxo deve saber o que comer, como comer, quando comer e o que é proibido comer.

Se, por um lado, o arcabouço teórico da antropologia para compreender rituais cotidianos ligados à esfera mundana da vida é pobre ou deficiente; por outro, os trabalhos antropológicos sobre as leis alimentares judaicas se centram nas leis bíblicas (Alter 1979; Milgrom 1993), tendo como ponto de partida a obra de Mary Douglas –o que só pode explicar parcialmente como se colocam em prática as leis alimentares na contemporaneidade. Entretanto, artigos de autoria de psiquiatras, psicólogos e etnopsiquiatras (Greenberg, MB. & Chir, B., 1984; Dulaney, S. & Fiske, A. P., 1994; Burt, V. K. & Rudolph, M., 2000; Friedmann, J. L., 2006; Greenberg, D. & Shefler, G., 2008) têm sido publicados nos últimos anos com o objetivo de decifrar se as múltiplas leis e regras que regem a vida dos judeus observantes têm

uma influência no surgimento do transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) entre pacientes ortodoxos que chegam a seus consultórios. Nesses artigos, a *kashrut* tem um papel fundamental, já que várias desordens de cunho psicológico têm sua origem em condutas neuróticas quando se trata de colocar em prática as leis alimentares com o máximo rigor. O medo de entrar em contato com a impureza, que na dimensão da *kashrut* implica ingerir alimentos impuros, e a culpa desencadeada por tal possibilidade, pareceria ser uma tendência bastante difundida nas comunidades ortodoxas contemporâneas, já que, além dos artigos referidos, existem textos de rabinos que se posicionam diante desse fenômeno, alertando sobre o risco de transformar a Lei Judaica numa doença como resultado de interpretações erradas.

Tendo como ponto de partida as teses de Freud sobre a religião, que em seu célebre artigo “Obsessive Actions and Religious Practices” definiu as condutas obsessivas-compulsivas como um tipo de “religião privada”, Greenberg and Chir (1984) observam semelhanças entre o judaísmo ortodoxo e determinadas condutas obsessivas. As semelhanças mais visíveis são certos costumes sexuais, preocupação excessiva com a limpeza e repetição de rituais. Os autores destacam que tanto na religião como nas neuroses obsessivas observam-se mecanismos psicológicos que se manifestam publicamente. Diante dessa constatação, Greenberg and Chir (1984:525) fazem as seguintes interrogações: É possível distinguir entre rituais religiosos e rituais compulsivos? Os judeus observantes que chegam a clínicas psicológicas sofrem de neurose obsessiva-compulsiva, ou tem uma personalidade compulsiva no ambiente de uma religião que enfatiza o ritual? Finalmente, o judaísmo ortodoxo predispõe seus membros a desenvolver neuroses obsessivas-compulsivas? No mencionado texto, Greenberg and Chir analisam quatro casos de judeus observantes com TOC que, somados à bibliografia existente, os levam a concluir que apesar das semelhanças observadas entre religião e neurose compulsiva, o compromisso religioso é meramente incorporado a um problema pré-existente, não sendo um fator causal do TOC. Em suma, os pacientes religiosos apresentam compulsões religiosas da mesma forma em que os psicóticos religiosos têm decepções religiosas (Greenberg and Chir, 1984:530).

No artigo “When Religion and Obsessive-Compulsive Disorder Collide: Treating Scrupulosity in Ultra-Orthodox Jews”, os autores salientam que à diferença das obsessões comuns entre pacientes cristãos, cujos temores mais recorrentes são o inferno e rezar ao diabo, no judaísmo ortodoxo a limpeza é a maior preocupação, expressa no medo de consumir de forma incorreta rituais ligados à *kashrut* e às leis de pureza familiar<sup>6</sup>. O interessante, porém, é a dificuldade encontrada por diferentes terapeutas não familiarizados com o judaísmo ortodoxo em distinguir entre o TOC e os rituais religiosos. Alguns pacientes também demonstram

---

<sup>6</sup> - Os autores também mencionam obsessões decorrentes de o homem não estudar o bastante ou de não considerar-se suficientemente puro para recitar as preces diárias. No último caso, a impureza tem sua origem na possibilidade de o corpo do indivíduo não estar limpo depois de realizadas as necessidades fisiológicas.



incapacidade em identificar rituais religiosos e rituais compulsivos. Mas, se para os terapeutas ignorantes da Lei Judaica existe tal problema, para os rabinos consultados por psicólogos e psiquiatras que lidam com judeus ortodoxos com TOC, há uma diferença fundamental entre seguir à risca a *Halachá* e ser portador de TOC. Em relação a esta problemática, no texto referido um rabino afirma o seguinte:

*Esta discussão é particularmente interessante na medida em que o critério utilizado para fazer uma diferença entre o aumento de religiosidade [entre judeus ortodoxos] e o TOC religioso é a ausência de alegria ou a existência de aflição no TOC, o que é compatível com os manuais internacionais sobre seu diagnóstico (Greenberg and Shefler, 2008: 186)<sup>7</sup>*

No livro *Religious Compulsions and Fears: A Guide to Treatment*<sup>8</sup>, o psiquiatra e rabino Avigdor Bonchek se refere à mesma problemática do seguinte modo:

*A kashrut é outra demanda haláchica que se presta a obsessões. Pacientes com TOC podem procurar constantemente insetos nas verduras, feijão ou arroz, ou interminavelmente lavarem as mãos antes de tocar uma leiteria depois de terem tocado uma colher de carne. Apesar de tais tarefas repetidas serem parte das exigências de um judeu observante, preocupar-se em que a própria cozinha seja "não- kosher" pode tornar-se um medo constante. Doentes podem fazer um voto pessoal sobre tais observâncias, mas quando eles acham que são incapazes de respeitá-lo, se sentem ainda mais temerosos e culpados.*

Assim, se entre os especialistas existe um acordo de que não há correlação causa-efeito entre a observância religiosa dos judeus ortodoxos e o TOC, não deixa de ser um dado empírico significativo o grande número de artigos publicados na última década que analisam essa suposta correlação<sup>9</sup>. Assim, se bem que uma das diferenças entre seguir à risca a Lei Judaica e ser portador de TOC é que no segundo caso há aflição e um temor desmesurado de transgredir os preceitos impostos pela religião, não podemos esquecer que em hebraico os judeus observantes se denominam a si mesmos *charedim* (os tementes) e *Ierei Shamaim* (os temerosos dos céus). Em relação a este componente fundacional da ortodoxia, vale lembrar o que está escrito no começo do segundo capítulo da *Ética dos Pais*, livro canônico do judaísmo:

---

<sup>7</sup> - Tradução minha do inglês. "This discussion is particularly interesting in that the criterion used to differentiate between increased religiousness and religious OCD is absence of joy, or distress in OCD, consistent with the diagnosis in the international diagnostic manuals".

<sup>8</sup> - O livro *Religious Compulsions and Fears: A Guide to Treatment* é comercializado como um guia para o tratamento de fobias e obsessões, utilizando técnicas comportamentais e cognitivas que visam à comunidade judaica ortodoxa.

<sup>9</sup> - Cf. Greenberg, MB. & Chir, B. (1984); Dulaney, S. & Fiske, A. P. (1994); Burt, V. K. & Rudolph, M. (2000); Friedmann, J. L. (2006); Greenberg, D. & Shefler, G. (2008).

*Rabi Yehudá HaNassi disse: Qual é o caminho certo que um homem deve escolher para si mesmo? Aquele que é honroso para si e lhe granjeie a estima de seu próximo. Seja tão escrupuloso no cumprimento de uma mitsvá [preceito] “pequena” como no de uma “grande”, pois não sabe a recompensa que cada uma merece. Considere o custo de uma mitsvá frente à recompensa, e a ganho de um pecado frente à perda. Considere três aspectos e você não será presa do pecado: saber que acima de você estão um Olho vigilante, um Ouvido atento e que todas suas ações são registradas em um Livro.*

## **Conclusões**

Embora a pesquisa sobre a *kashrut* esteja em seus começos, é necessário esboçar uma abordagem teórica que permita compreender a colocação em prática das leis alimentares judaicas nos dias de hoje. Se as teorias antropológicas sobre rituais se mostram deficientes e as pesquisas que tentaram estabelecer relações de causa-efeito entre observância religiosa e TOC não conseguiram demonstrar a sua existência, outras abordagens devem ser procuradas.

A meticulosidade e preocupação em seguir os preceitos das leis alimentares judaicas entre a população ortodoxa não deixa dúvidas de que estamos diante de uma população que segue um programa de práticas disciplinares. Além do mais, é possível afirmar que essas práticas têm como objetivo formar e reformar aptidões morais de modo similar às práticas analisadas por Asad (1987) em sua pesquisa sobre o ritual e a disciplina em monastérios cristãos medievais. O objetivo dessas práticas é construir a obediência absoluta e nada mais expressivo da obediência absoluta que o versículo bíblico que dá sustentação à Lei judaica (Ex. 24:7): “faremos e depois ouviremos”. A ideia por trás dessa ordem Divina é que um bom judeu primeiro deve consumir os preceitos e só depois compreendê-los (ou questioná-los).

Apesar de concordar com antropólogos de diferentes escolas sobre as dimensões cognitivas e de comunicação características dos rituais, Asad se recusa a compreendê-los como uma forma de cognição simbólica. Segundo o antropólogo (1987: 165), o objetivo de tais programas é, através de práticas verbais e físicas, criar o *self* cristão virtuoso. Ritual, gestos e discursos fazem parte de uma ordem disciplinar cujo objetivo principal é ordenar a alma. A eliminação de condutas transgressoras é evitada seguindo estritamente os textos que regulam a vida monástica. Na análise de diferentes códigos de conduta criados na Idade Média para organizar a vida nos monastérios católicos, o antropólogo observa que todos eles contêm instruções gerais sobre a natureza da vida cristã, além de disposições precisas sobre que deve fazer-se, como, onde e quando (Asad1987:171) . Texto e prática se imbricam com um objetivo preciso. Assim:

*...programmatic texts relate to performance in a variety of ways –inspiring, recommending, prescribing, authorizing, justifying. But strictly speaking, programme and performance do not stand alone in relation to each other (Asad, 1987: 171).*

Após ter lido vários livros sobre *kashrut*, todos eles com trezentas páginas ou mais<sup>10</sup>, de ter realizado o trabalho de campo em Israel e de seguir sites na internet com informação sobre *kashrut* que alertam seus leitores sobre ameaças recém descobertas e sobre determinados alimentos envasados ou importados que eram *kasher*, mas por alguma razão deixaram de ser *kasher*, não há espaço para dúvidas de que as leis alimentares que seguem os judeus observantes fazem parte de um programa disciplinar maior que se expressa na Lei judaica como um todo. Um texto canônico ao qual são acrescentados constantemente outros textos que tem o mesmo status que a própria Lei. A isto soma-se a autoridade dos rabinos para guiar no caminho correto os judeus observantes. Como bem assinala Asad (1987: 181), um programa coerente depende da existência de uma autoridade que interprete determinados textos. A expressão *Taasé lechá rav ve tistalek me ha 'safek* (procure um rabino e fuja da dúvida) que ouvi de uma mulher ortodoxa quando lhe perguntei como faz ter a certeza que está agindo corretamente em relação a um problema suscitado pela eventual contaminação de uma sopa de frango com um laticínio, é expressiva da restrição da autonomia individual nas comunidades ortodoxas. Não por acaso os rabinos especialistas em diferentes dimensões da *kashrut* têm linhas telefônicas especiais para receber chamados de pessoas com dúvidas a respeito dos alimentos que estão preparando, ou quando não tem a certeza de que podem ser consumidos. Como a mulher mencionada tinha dúvidas, não hesitou em telefonar a um rabino<sup>11</sup>.

Ainda assim, não estamos diante da repressão de uma força psíquica perigosa, mas de um trabalho mais sutil: despertar a vontade de obedecer. Outro ponto de convergência entre os programas elaborados para os mosteiros medievais e a *Halachá* é o fato de que os numerosos rituais serem desempenhados (*performed*), não para uma audiência, mas para os próprios atores sociais (*performers*).

Numa linha complementar à análise de Asad, Gideon Aran (2013) tenta compreender o que chama “super-religiosidade” de grupos fundamentalistas a partir de um modelo que, em lugar de analisar os embates desses grupos com os não-membros e com a Modernidade, se centra na dimensão intra-grupal, isto é, nas escalas de religiosidade existentes entre os membros de um grupo específico que são usadas para comparar as condutas próprias com as de outros membros. No que se refere aos judeus ortodoxos, o antropólogo israelense lembra que no

---

<sup>10</sup> - Cf. Fucs (2002); Forst, B.(2013); Flechter (2013).

<sup>11</sup> -Telefonemas a rabinos especialistas em *kashrut* e a supervisores de *kashrut* é uma prática comum entre judeus ortodoxos, tanto em Israel quanto nas diásporas.

discurso explícito da ultra-ortodoxia existem expressões que se referem ao grau de religiosidade de seus membros. A *itchazkut* (fortalecimento) da conduta que exigem de si mesmos os ortodoxos é uma manifestação disto, bem como as *madregot* (escalas), que representam uma classificação entre os membros estritos, os medianamente estritos e os que observam a lei em sua forma mais leniente<sup>12</sup>. Na dimensão da *kashrut*, essa classificação se observa nos diferentes níveis de observância existentes entre a população ortodoxa, manifestos, principalmente, nos selos *kasher* dos alimentos consumidos pelas diferentes correntes e indivíduos ortodoxos. Como fora mencionado acima, a maioria dos judeus ortodoxos em Israel não consome os produtos *kasher* supervisionados pelo Rabinato por achar que a sua supervisão não é suficientemente rígida. Aran (2013: 161) não esquece que as classificações da *kashrut* são objeto de mudanças constantes, controvérsias e negociação. Por outro lado, quantificar a religião é um processo relacionado diretamente com considerações políticas e financeiras. O alcance da classificação dos diferentes níveis de observância religiosa entre ortodoxos no que diz respeito a *kashrut* é reveladora no sentido que:

*On the ultra-orthodox street there is a talk of the “table test”: who can –or cannot- eat at whose homes in the community. The stronger or more radical one’s Judaism, the fewer homes where one may eat* (Aran, 2013: 161).

O fato de o judaísmo ser uma religião ortoprática permite mensurar a super-religiosidade de algumas correntes e de seus membros e desvendar seu nível de radicalismo. Por razões óbvias, este exercício é mais difícil de ser feito em religiões cujo pilar são os rituais do que em aquelas que enfatizam a crença. Assim, o judaísmo ortodoxo é um exemplo emblemático de uma religião que enfatiza a super-religiosidade encenando a prática religiosa através de inúmeros rituais. A *kashrut* constitui uma dimensão em que é fácil observar a posta em cena da super-religiosidade e o grau performático que a caracteriza o cotidiano dos judeus ortodoxos. E se bem que na Alta Idade Média a Lei judaica exigia extensões, volumes e pesos determinados para a preparação de diferentes alimentos, a ortodoxia contemporânea tem exacerbado esta característica estrutural da *Halachá*. A leniência relativa da Lei judaica durante séculos *vis-à-vis* a sua radicalização nos dias de hoje é resultado de determinadas condições sócio-históricas. Disto pode concluir-se que até a década de 1970, a *Halachá* era mais próxima da tradição do que do tradicionalismo típico das religiões fundamentalistas contemporâneas (Aran, 2013: 189).

---

<sup>12</sup> - É importante levar em consideração que essa classificação é uma classificação nativa que diferencia os graus de religiosidade entre judeus ortodoxos.

O depoimento do rabino Vaie sobre a complexidade resultante da industrialização dos alimentos e a necessidade de sua verificação mais rígida é um claro exemplo de super-religiosidade que vemos propagar-se nas comunidades ortodoxas atuais. Em seu instigante *livro Kosher Nation*, Fishkoff (2010) descreve exhaustivamente como o processo de globalização e a importação de alimentos naturais e industrializados por diferentes comunidades ortodoxas criou estratégias de supervisão de alimentos caracterizadas por um incremento exponencial das regras e detalhes para definir os alimentos como *kasher*. Partindo do pressuposto que na *Halachá* está escrito que deve proibir-se um alimento só se a sua infestação ou mácula pode ver-se a olho nu, a sofisticação dos aparelhos, laboratórios e táticas colocadas em prática pelos supervisores de *kashrut* ortodoxos - e exigidos dos membros do grupo- é outro indicador da soberania de um tradicionalismo de cunho fundamentalista sobre uma tradição mais leniente respeitada durante séculos. Em suma, não se trata exclusivamente do aproveitamento de novas tecnologias para seguir uma dieta *kasher*, mas da radicalização da ortodoxia que, nas últimas décadas e como fora explicado no início deste trabalho, responde a um programa imposto pelos Grandes Rabinos que por razões políticas e teológicas decidiram interpretar de modo maximalista a Lei judaica.

Diante deste cenário, os sacrifícios ou, para denomina-los de outro modo, os custos financeiros de tempo, saúde mental e física que pagam os judeus ortodoxos na atualidade são muitos (Berman 1988). No que diz respeito à *kashrut*, ela cria fenômenos, como mínimo, curiosos. Assim por exemplo, o consumo de certas verduras, legumes e hortaliças “problemáticas” exclusivamente de produtores cujo diferencial é utilizarem uma maior concentração de pesticidas, é um exemplo representativo da ordem de prioridades dos Grandes Rabinos desta geração. No que diz respeito à saúde mental, a multiplicação de regras e costumes para erguer um *Cerco da Torá* à prova de qualquer transgressão possível, tem desemocado no surgimento de um novo fenômeno: judeus ortodoxos com TOC que consultam clínicas psiquiátricas.

Embora neurose e obsessão sejam categorias da psiquiatria, psicologia e psicanálise, e remetam ao indivíduo e não a um grupo social, acredito que ainda seja possível esboçar a hipótese da existência de um componente obsessivo na Lei judaica. O caminho para demonstrar essa hipótese deve ser diferente à análise de pacientes ortodoxos diagnosticados com TOC, exigindo do pesquisador uma abordagem multidisciplinar que possibilite compreender como comunidades inteiras vivenciam uma regulamentação do cotidiano tão minuciosa sem pensar nessas comunidades e em seus membros como portadores de uma patologia clínica. A pesquisa sobre a *kashrut* que venho desenvolvendo há um ano tem esse objetivo.

## BIBLIOGRAFIA

- Alter, R. "In the Community: A New Theory of Kashrut" in *Commentary*, 68(2), 1979.
- Aran, G. "On Religiosity and Super-religiosity (I): Measures of Radical Religion" in *Numen*, 60(2-3), 2013.
- Bell, C. *Ritual Perspectives and Dimensions*. New York: Oxford University Press, 1997.
- Berman, E. "Subsidized Sacrifice: State Support of Religion in Israel", Paper Presented at the *International Conference of the Economics of Judaism and Jewish Observance*, Bar Ilan University and University of Illinois at Chicago, December 13-15, 1998
- Bonchek, A. *Religious Compulsions and Fears: A Guide To Treatment*. Jerusalem: Philipp Feldheim, 2009.
- Burt, V. K. & Rudolph, M. "Treating an Orthodox Jewish Woman With Obsessive-Compulsive Disorder: Maintaining Reproductive and Psychologic Stability in the Context of Normative Religious Rituals" in *American Journal of Psychiatry* 157(4), 2000.
- Douglas, M. *Purity and Danger: an analysis of concepts of pollution and taboo*. London: Penguin, 1966
- Dulaney, S. & Fiske, A. P. "Cultural rituals and obsessive-compulsive disorder: is there a common psychological mechanism?" in *Ethos*, 22(3), 1994.
- Ferziger, A. S. "Religious zealotry and religious law : rethinking conflict and coexistence" in *Journal of Religion* 84,1, 2004
- Fishkoff, S. *Kosher Nation. Why More and More of America's Food Answers to a Higher Authority*. New York: Schocken Books, 2010.
- Flechter, M. *Do You Know Hilchos Shabbos? Practical Questions for the Whole Family*. Brooklyn: Menucha Publishers, 2013.
- Forst, B. *The Kosher Kitchen. A Practical Guide*. New York: Mesorah Publications, 2013.
- Freud, S. "Obsessive Actions and Religious Practices" . The Standard Edition, vol. X. London: The Hogarth Press, 1959.
- Friedmann, J. L. "Walking With God: Realism, Fanaticism, and the Future of Jewish Law" in *Marburg Journal of Religion*, 14(1), 2009.
- Fuchs, Y. *Ossef Dinim veHanagot beInianei Kashrut Hamitbach, Hakelim VeHaMaalachim*. Jerusalem: 2002.
- Geertz, C. *La interpretación de las culturas*. México: Gedisa, 1987
- Greenberg, D. & Shefler, G. "Ultra-Orthodox Rabbinic Responses to Religious Obsessive-Compulsive Disorder" in *Israel Psychiatry Related Sciences*, 45(3), 2008.
- Greenberg, MB. & Chir, B. "Are Religious Compulsions Religious or Compulsive: A Phenomenological Study" in *American Journal of Psychotherapy*, 38(4), 1984.
- Huppert JD, Siev J, Kushner ES. "When religion and obsessive-compulsive disorder collide: treating scrupulosity in Ultra-Orthodox Jews" in *Journal of Clinical Psychology*, 63(10), 2007.

Leach, E. R. *Sistemas políticos da alta Birmânia*. São Paulo: EDUSP, 1996.

Liebman, Ch. S. "Extremism as a Religious Norm" in *Journal for the Scientific Study of Religion*, 22(11), 1983.

Milgrom, J. "The Rationale for Biblical Impurity" in *JANES*, 22, 1993.

Radcliffe-Brown, A.R. "Tabú" en Radcliffe-Brown, A.R. *Estructura y función en la sociedade primitiva*. Barcelona: Editorial Planeta, 1986.

Silber, M.K. "The Emergence of Ultra-Orthodoxy: The Invention of a Tradition" in Jack Wertheimer (ed): *The Uses of Tradition: Jewish Continuity in the Modern Era*. New York: Harvard University Press, 1999.

Turner, V. *The ritual process: Structure and anti-structure*. Chicago: Aldine. 1969.

Vaie, M. A verificação dos alimentos Segundo a Torá. Jerusalém: Machon Lehanchalat Hahalach